

## QUESTÕES FUNDAMENTAIS DA FÉ: TÓPICOS SUGESTIVOS PARA O ENSINO CONFSSIONAL CRISTÃO

*Data de aceite: 03/04/2023*

**Eduardo Rueda Neto**

Doutorando em Teologia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/7175612413004722>

### FUNDAMENTAL ISSUES OF FAITH: SUGGESTIVE TOPICS FOR CHRISTIAN CONFSSIONAL TEACHING

**ABSTRACT:** This chapter aims to serve as a starting point for dialogue in the classroom promoted by Religious Education teachers, especially in confessional schools, about fundamental themes of the Christian faith that are often subject of controversy. The text is succinct and uses non-academic language, as it was primarily prepared with Middle and High School students in mind. Its pedagogical purpose is to synthesize complex topics in order to facilitate the assimilation and instigate the subsequent deepening of the themes, which range from the existence of God to the value of faith. Finally, it is concluded that the essential questions presented have good rational arguments that confirm the validity and veracity of the biblical faith.

**KEYWORDS:** God; Bible; faith; evidences.

**RESUMO:** Este capítulo visa servir de ponto de partida para o diálogo em sala de aula promovido por professores de Ensino Religioso, especialmente em escolas confessionais, acerca de temas fundamentais da fé cristã que frequentemente são alvo de controvérsia. O texto é sucinto e de linguagem não acadêmica, pois foi primariamente preparado tendo em vista adolescentes estudantes do Ensino Fundamental II e Médio. Seu propósito pedagógico é sintetizar tópicos complexos de modo a facilitar a assimilação e instigar o posterior aprofundamento dos temas, que abrangem desde a existência de Deus até o valor da fé. Por fim, conclui-se que as questões essenciais apresentadas contam com bons argumentos racionais que confirmam a validade e veracidade da fé bíblica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deus; Bíblia; fé; evidências.

### 1 | INTRODUÇÃO

No âmbito do ensino religioso confessional cristão, os professores se deparam frequentemente com numerosos

desafios à transmissão do conhecimento bíblico. Uma parcela significativa das dificuldades enfrentadas se deve ao preconceito que muitos alunos trazem em relação à fé cristã como um todo ou a alguns de seus ensinamentos — preconceitos esses costumeiramente transmitidos pela família, pela sociedade em geral e, de forma mais ampla, pelos meios de comunicação. Boa parte desse preconceito tem suas raízes no senso comum e na falta de um conhecimento mais profundo acerca das bases da religião cristã.

Faz parte do trabalho do professor de Ensino Religioso romper as barreiras do preconceito e viabilizar aos seus alunos a chance de conhecer a fé cristã em seus fundamentos e sua coerência lógica, sem a roupagem das tradições ou a caricatura que aqueles que não a conhecem fazem dela. Tal apresentação permitirá ao estudante ter uma visão mais clara do cristianismo e formar sua própria opinião (não a de outros) acerca dos elementos que compõem a doutrina bíblica.

Com isso em vista, este capítulo se propõe a oferecer ao professor de Ensino Religioso, bem como aos alunos, um ponto de partida para as exposições em sala de aula e o diálogo a respeito de temas essenciais da fé cristã. Obviamente, trata-se aqui de apenas alguns dos muitos artigos de fé em que o cristianismo bíblico se baseia. O texto discorre sobre certos pontos controversos que, há muito tempo, têm gerado discussões acirradas no meio religioso e acadêmico.

Considerando-se o propósito prático do texto e o público ao qual o professor terá de apresentar o conteúdo, optou-se por uma linguagem direta, objetiva, em vez de acadêmica, e condizente com a idade dos alunos de Ensino Fundamental II e Médio. A finalidade pedagógica por trás desta iniciativa consiste em sintetizar tópicos complexos de modo a facilitar a assimilação e instigar o posterior aprofundamento dos temas. Como já mencionado, estes tópicos sugestivos são apenas um ponto de partida para o debate construtivo em sala de aula, cabendo ao professor e aos alunos ampliarem seus horizontes por meio do estudo. Para tanto, incentiva-se a consulta à bibliografia encontrada ao final do capítulo.

## **2 | A EXISTÊNCIA DE DEUS**

Deus existe? Essa talvez seja a pergunta mais intrigante de todos os tempos. Segundo a Bíblia (1Rs 8:27; Sl 139:17, 18; 1Tm 6:16) (ver tópico 3), Deus ultrapassa os limites da compreensão humana. Ele é grande demais para ser analisado por métodos científicos. Sendo assim, é impossível obter “provas” da Sua existência. O que se tem são evidências, fortes indícios de que Ele existe e dos rastros que deixou na História. Neste tópico, serão mencionados apenas alguns dos muitos argumentos a favor da existência de Deus (para mais, ver, por exemplo, CRAIG, 2011; GEISLER e TUREK, 2006; KREEFT e TACELLI, 2008; entre outros).

*Ex nihilo nihil fit* (“nada surge do nada”), já dizia o provérbio latino. De acordo com

a lei física de causa e efeito, tudo teve uma causa originadora. A teoria da relatividade de Einstein indicou que o Universo teve um começo, ideia defendida pela teoria do *Big Bang* (“Grande Explosão”), a mais aceita pela comunidade científica até o momento. Então, o que havia “antes” de o Universo começar a existir? A existência de um Ser eterno, sem começo nem fim, é necessária para explicar o princípio do cosmo. E mesmo que o Universo não tivesse tido um começo, como cogitam alguns pensadores, ainda assim restaria uma pergunta metafísica: “Por que existe *algo* em vez de *nada*?” Como argumentava São Tomás de Aquino, todos nós e as coisas ao nosso redor somos seres contingentes, ou seja, poderíamos ou não existir, como, de fato, um dia não existimos. Partindo do pressuposto de que tudo que existe deve sua existência a outra coisa existente, Aquino entendia que, a fim de evitar uma regressão infinita (o que seria ilógico), deve obrigatoriamente existir um Ser não contingente, absolutamente necessário, que seja a razão de Sua própria existência e da existência de todos os outros seres.

Além disso, é possível perceber ordem, complexidade e sincronia no Universo, de modo que afirmar que a natureza é fruto do acaso é o mesmo que dizer que o iPhone surgiu como resultado de uma explosão na fábrica da Apple. A complexidade do corpo humano, por exemplo, é inúmeras vezes maior que a de um *smartphone*. Um projeto como esse pressupõe a existência de um *Designer*, de uma mente inteligente responsável pelo funcionamento harmônico de todas as partes dessa imensa máquina universal, tanto em nível micro (células, moléculas, átomos, partículas subatômicas, etc.) quanto em nível macro (planetas, estrelas, galáxias, etc.). A perfeita sintonia entre diferentes tipos de forças da natureza, viabilizando a existência e a manutenção da vida na Terra, também aponta para um Projetista original.

Em todas as civilizações, existe a ideia de Deus — interpretada, é claro, de acordo com a cultura local. No mundo inteiro, não há nenhum povo que seja completamente sem religião. A tradição a respeito da existência divina e o costume de adorar um ser superior remontam aos primórdios da humanidade, dando indicações de uma origem comum.

Ninguém nasce ateu. Psicologicamente falando, o anseio pelo Transcendente é um impulso elementar e natural do ser humano. Se existe esse sentimento nato em cada um de nós, ainda que inconsciente, é razoável supor que exista também o seu correspondente.

Por fim, a evidência mais relevante da existência de Deus são os milhões de pessoas transformadas após a experiência chamada conversão. Aqueles que a experimentam atestam em si mesmos a realidade de um Ser capaz de preencher completamente o seu vazio existencial.

### **3 | A CONFIABILIDADE DA BÍBLIA**

De que ela é o livro mais traduzido, vendido e lido em todo o mundo ninguém duvida. Mas será que se pode realmente confiar na Bíblia? Que razões há para crer que ela é a

Palavra de Deus — como afirmam os cristãos —, e não simplesmente um livro inventado por homens?

Dentre as obras literárias da Antiguidade, a Bíblia é a mais bem preservada, considerando a precisão, a qualidade e a quantidade de cópias manuscritas. Embora tenha sido copiada à mão, ela resistiu ao tempo sem sofrer alterações importantes. Prova disso são as cópias do Antigo Testamento encontradas entre os Rolos do Mar Morto e os mais de 5 mil manuscritos gregos do Novo Testamento. O trabalho da chamada Crítica Textual (ciência que estuda a composição de um texto ao longo do tempo) tem revelado o alto grau de confiabilidade dos numerosos manuscritos bíblicos disponíveis e atesta que, em sua maioria, as modificações feitas por escribas e copistas na tentativa de aclarar o sentido não afetaram a mensagem divina. Além disso, a cuidadosa comparação dos manuscritos feita por peritos e disponibilizada em edições técnicas do Antigo e Novo Testamentos permite atualmente que se reconstitua, com bastante segurança, o texto original das Sagradas Escrituras, tal como teria saído das mãos dos profetas e apóstolos.

A Bíblia está repleta de referências históricas passíveis de verificação. E cada vez mais a Arqueologia tem comprovado a veracidade dos dados históricos que ela apresenta. Além disso, a Bíblia não “mascara” detalhes vergonhosos da biografia de seus personagens, como faziam as narrativas do mundo antigo, o que evidencia, novamente, sua confiabilidade.

Todavia, o elemento que mais distingue a Bíblia das demais literaturas antigas são as profecias. Elas se cumpriram — e ainda se cumprem — com impressionante precisão. O cativo judeu (Jr 29:10), o surgimento do rei Ciro (Is 44:24-28; 45:1, 13), a destruição de Babilônia (Is 13; 14; Jr 51), a queda da cidade de Tiro (Ez 26), a sucessão de reinos em Daniel 2 e as dezenas de detalhes relativos à vinda do Messias são apenas alguns exemplos.

Embora a Bíblia não seja um livro de ciências, ela contém verdades científicas muito avançadas para seu tempo. Muitos de seus conceitos são tão atuais que parecem ter sido escritos ontem, como, por exemplo, as leis de saúde do Antigo Testamento e sua preocupação com o meio ambiente (Lv 11; 25:1-7; 17:10-14; Dt 23:12, 13; Ap 11:18).

Outra característica marcante do Livro Sagrado é sua unidade literária. Apesar de ter sido escrita por cerca de 40 autores, de diferentes épocas e culturas, num período de aproximadamente 1.600 anos, a Bíblia não apresenta contradições essenciais em sua doutrina, sugerindo a existência de um só Autor.

Em todo o mundo, inúmeras pessoas tiveram sua vida impactada positivamente pela influência das Sagradas Escrituras, sendo completamente transformadas por sua mensagem. Essa característica, muito mais do que as outras, revela o caráter singular desse Livro.

## 4 | A VIABILIDADE DOS MILAGRES

Milagre é um “ato ou acontecimento fora do comum, inexplicável pelas leis naturais” (*Dicionário Houaiss*). O principal argumento daqueles que não acreditam em milagres é que eles violam as leis da natureza — “regras” que explicam como o mundo funciona. Um exemplo é a lei da gravidade, responsável por fazer com que objetos soltos a certa altura caiam, em vez de subir. Acreditar que Deus realiza milagres não implica necessariamente aceitar que isso seja uma quebra das leis naturais. Essas leis são baseadas nas observações que os cientistas fazem do mundo natural, e seria presunção afirmar que a ciência sabe tudo sobre as propriedades da luz, do calor e do som, por exemplo. O conhecimento humano, por mais desenvolvido que seja, é limitado, e não sabemos completamente como as coisas acontecem.

Deus, como criador das leis da Física, da Química e da Biologia, pode muito bem adaptá-las, em vez de violá-las, para cumprir determinado propósito. Imagine, por exemplo, que Ele fizesse com que um punhado de sal num copo d’água não se dissolvesse. Isso não significaria que o sal, como substância, perderia sua propriedade de se dissolver na água. O sal continuaria tendo essa propensão, mas, por intervenção divina, ele deixaria de se dissolver. De modo semelhante, para realizar milagres, Deus não precisa infringir as leis naturais que Ele próprio criou, basta interferir no fluxo ou no estado natural das coisas. Essa interferência pode fugir da normalidade e ser impossível, do ponto de vista humano, mas se torna plenamente compreensível quando admitimos a possibilidade de um Ser supremo todo-poderoso (ver tópico 2). O fato de milagres não poderem ser reproduzidos em laboratório não prova a inexistência deles, mas apenas aponta seu caráter sobrenatural.

Os milagres de Deus nunca acontecem por acaso. Seus atos sobre-humanos na história bíblica se concentraram em três períodos principais (os dias de Moisés e Josué, a época dos profetas Elias e Eliseu e o tempo de Jesus e Seus apóstolos). Em cada caso, a função básica dos milagres era preparar as pessoas para as novas mensagens de Deus e confirmar sua fé (Jo 4:48). No entanto, é preciso tomar cuidado com os falsos milagres, realizados pelas forças enganosas do mal — embora seu poder seja infinitamente menor que o de Deus (Êx 7:10, 11; Ap 16:12-14; 2Co 11:14).

## 5 | A SINGULARIDADE DE CRISTO

Sem dúvida, Jesus Cristo é um dos personagens mais influentes da História — para não dizer o mais influente. Há um número incontável de livros escritos a Seu respeito, e Seus ensinamentos continuam a moldar a vida e o modo de pensar de milhares de pessoas. Mas quem, de fato, é Jesus? Que certeza se pode ter de que Ele realmente existiu e era o que afirmava ser?

A História confirma a existência de Jesus. Documentos bem preservados escritos no primeiro século fazem referência a Cristo. Historiadores e políticos romanos, como Suetônio,

Tácito, Trajano e Plínio, citam Jesus pelo nome. E fontes judaicas, como o Talmude e o historiador Flávio Josefo também O mencionam. Nos tempos antigos, nem os inimigos do cristianismo duvidavam da historicidade de Jesus. É difícil entender como os discípulos, com tão pouca instrução, teriam sido capazes de inventar um personagem tão fascinante. Além disso, que vantagem teriam em criar uma figura tão impopular e se tornarem mártires por Ele, mesmo tendo a chance de negá-Lo e escapar da morte?

De acordo com as Sagradas Escrituras (ver tópico 3), Jesus Cristo é Deus (Jo 1:1; 20:28; Tt 2:13). Ele é apresentado como tendo os mesmos atributos do Pai — é todopoderoso (Mt 28:18; Jo 11:25, 43, 44), sabe de tudo (Jo 1:47-50; 4:29; 13:19), está presente em todos os lugares ao mesmo tempo (Mt 18:20; 28:20; Jo 14:20-23), tem vida em Si mesmo e é eterno (Jo 5:26; 8:58; Êx 3:14; Mq 5:2; Hb 13:8). Ele exerce os poderes de Deus (Gn 1:1; Jo 1:3; Mc 2:5, 7; Jo 5:21, 26, 27), carrega nomes e títulos divinos (Is 9:6; 7:14; Mt 1:22, 23; Is 44:6; Ap 22:13) e foi adorado como Deus (Mt 8:2; 9:18; 14:33; Jo 9:38). Ele mesmo Se identificou como divino (Jo 14:9; 10:30, 33), o que não deixa a alternativa de achar que Ele foi apenas um sábio, um rabino ou simplesmente um “grande homem”, como muitos dizem.

Todavia, ao mesmo tempo que evidencia a natureza divina de Cristo, a Bíblia declara também Sua humanidade. Ele nasceu e cresceu como um ser humano (Jo 1:14; 1Tm 2:5; Lc 2:52). Sentiu fome, sede, frio, cansaço e tristeza. Ele também chorou, sofreu e morreu. Segundo o Livro Sagrado, a vida perfeita, a morte expiatória e a ressurreição de Jesus — da qual também existem evidências bastante plausíveis (ver, por exemplo, STROBEL, 2001) — colocam ao alcance dos seres humanos a oportunidade de se reconciliarem com seu Criador (Hb 4:15; Is 53:4, 5; Rm 4:25; 5:1).

## 6 | O EXTERMÍNIO DOS CANANEUS

Embora, como temos visto até aqui, haja boas evidências para se crer em Deus, na Bíblia e em Jesus Cristo, muitos rejeitam a mensagem do evangelho por entenderem que Deus seja uma espécie de tirano universal, diferentemente do que afirmam as Escrituras (1Jo 4:8; Jo 3:16). Muitos O acusam, por exemplo, de ter promovido o genocídio no Antigo Testamento. Os que afirmam isso se baseiam especialmente na destruição dos povos de Canaã (Dt 20:16-18). Dizem que um Deus de amor (se é que Ele existe) jamais iria ordenar a morte de milhares de seres humanos inocentes. Mas será que é mesmo assim?

O primeiro problema é a palavra “inocentes”. Os cananeus eram famosos por sua crueldade. Eles até mesmo queimavam bebês vivos em seus rituais (Lv 20:1-5; 2Rs 23:10; 16:3). A imoralidade e a violência dos povos de Canaã eram algo absurdo. Ao destruir os cananeus, Deus, na verdade, estava praticando um ato de justiça.

Além disso, Deus nunca executa Seus juízos sem, antes, dar a oportunidade de arrependimento. No caso dos povos cananitas, Deus tinha dado a eles pelo menos 400 anos

para que se arrependessem de seus crimes (Gn 15:13, 16). Nesse período, por meio de Abraão e seus familiares, os habitantes de Canaã tiveram ampla oportunidade de conhecer o Deus verdadeiro. Anos depois, souberam de tudo que Ele havia feito com os egípcios e como havia protegido milagrosamente aqueles que O seguiram (Js 2:9-11). Mesmo assim, preferiram continuar em sua rebeldia, a tal ponto de não terem mais salvação. Se aquelas pessoas sobrevivessem, infectariam Israel com sua depravação moral, e sua influência seria altamente nociva.

A maneira pela qual Deus poupou a vida de Raabe e sua família (Js 6:25), bem como a dos gibeonitas (Js 9:3, 24-26) — que eram cananeus —, mostra a disposição que Ele tem para perdoar. Certamente, caso tivessem se arrependido, Deus teria poupado também a vida dos demais habitantes de Canaã. Basta lembrar o caso do profeta Jonas em Nínive (Jn 1—4). É preciso ter em mente que a justiça de Deus é um atributo essencial de Seu caráter tanto quanto o amor, mas todos os juízos divinos são sempre misturados com misericórdia.

## 7 | VIDA APÓS A MORTE

Desde as pirâmides do Egito, construídas para servir de túmulo aos antigos faraós, até os atuais esforços da ciência para prolongar a vida, a morte sempre intrigou o ser humano. É um tema recorrente e envolto em mistério. Por isso, as explicações sobre como ocorre e o que vem depois dela são as mais variadas. Mas o que a Bíblia diz sobre a morte?

Para compreender o fim da vida, é necessário entender o seu início. No relato da criação, é dito que Deus fez o homem a partir da terra e comunicou a ele o “fôlego de vida” (Gn 2:7). A combinação **matéria + fôlego/energia de vida** é o que forma o ser humano vivo — também chamado de “alma vivente” (Gn 2:7). Quando alguém morre, o processo é exatamente o inverso: a energia vital (fôlego) volta para Deus, enquanto o corpo (matéria) se decompõe, voltando para a terra, de onde veio (Ec 12:7).

E o que acontece depois? Diferentemente de como ensina a maioria das religiões e denominações cristãs, a Bíblia não apoia a ideia de espíritos desencarnados ou “alma penada” (esse conceito vem da filosofia grega, principalmente das ideias de Platão). Conforme dá a entender o Livro Sagrado, a alma é o ser humano como um todo e, portanto, é mortal (Ez 18:4). Só Deus tem imortalidade em Si mesmo (1Tm 6:16), e os fiéis só terão acesso a ela na volta de Cristo (1Co 15:51-54). Sem Céu nem inferno imediatos — muito menos purgatório —, a condição dos mortos é comparada ao sono: um estado de profunda inconsciência e alienação (Jo 11:11-14; Ec 9:5, 6).

De acordo com a Bíblia, esse “sono” existencial será interrompido na ressurreição — quando bons e maus, cada grupo por sua vez, voltarão à vida para receber sua recompensa (Dn 12:2; Jo 5:28, 29): os perdidos com a morte eterna (Rm 6:23; Ap 20:14, 15), e os salvos com a vida e o reino eternos (Mt 25:34).

## 8 | O CONCEITO DE INFERNO

Sombras, caldeirões ferventes, demônios vermelhos com chifres e tridentes pontiagudos, e muito, muito fogo! É assim que geralmente se imagina o inferno — lugar de tormento eterno para onde se crê que vão os maus depois da morte. Esse cenário, em grande parte influenciado pela *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321), foi usado ao longo da História, e ainda é, para descrever os horrores da separação eterna de Deus. Mas será que o inferno de chamas eternas, de fato, existe? O que a Bíblia realmente tem a dizer sobre isso?

As principais palavras bíblicas traduzidas como “inferno” são *she’ol*, em hebraico, e *hadēs*, em grego. Ambas se referem, basicamente, à habitação dos mortos, e o contexto em que são utilizadas nas Escrituras indica, em grande parte dos casos, simplesmente a ideia de “sepultura”. Como visto no tópico 6, o conceito de espíritos desencarnados ou “alma penada” não tem base bíblica, porque os mortos permanecem inconscientes até o dia da ressurreição (Ec 9:5, 6; Jo 5:28, 29).

Após o milênio escatológico e a ressurreição dos maus, é dito que o fogo de Deus cairá do Céu e exterminará Satanás e os ímpios (Ap 20:9; 2Pe 3:7). Assim como na destruição de Sodoma e Gomorra (Jd 7; 2Pe 2:6), esse fogo não queimará para sempre, mas até que não reste mais nenhum vestígio do mal (Mt 4:1). A ideia é de um fogo que não se apaga enquanto o objeto não se consome (Jr 17:27). Nos Evangelhos, Cristo ilustra a realidade do verdadeiro inferno com a palavra grega *geenna*, que originalmente designava um vale, ao sul de Jerusalém, onde o lixo e os animais mortos da cidade eram queimados (Mt 18:9; Lc 12:5). Além disso, quando a Bíblia menciona o fogo eterno, isso tem que ver mais com o resultado do que com a duração do fogo — Deus destruirá *para sempre* os maus (Sl 145:20; Sl 37:9, 34).

A doutrina de um inferno em que os ímpios são atormentados para todo o sempre é incompatível com o caráter de um Deus de amor, que não tem prazer na morte — muito menos no tormento — de ninguém (Ez 33:11). E certas partes da Bíblia que parecem apoiar essa doutrina (como a parábola do rico e Lázaro, em Lucas 16) devem ser devidamente estudadas à luz de seu contexto bíblico, gramatical e histórico (ver, por exemplo, BACCHIOCCHI, 2012, e SHEPHERD, 2012).

## 9 | O VALOR DA FÉ

Costuma-se afirmar que a fé ou a religião não passa de uma muleta. Alguns dizem que fé é só para os emocionalmente frágeis. Afirmam que os “crentes” têm preguiça de pensar, que são ignorantes e, por isso, aceitam as coisas “pela fé”.

Mas será que é realmente assim? Antes de tudo, é preciso estabelecer a diferença entre credulidade e fé. Credulidade é a tendência a acreditar facilmente em tudo, sem averiguar os fatos. Em outras palavras, é ser ingênuo.

A fé cristã, por outro lado, não é ignorante. Suas principais crenças estão baseadas em fatos, dos quais existem evidências de sobra — como é o caso da historicidade de Jesus Cristo e de Sua ressurreição (ver tópico 5 e bibliografia).

Embora não devamos ser como Tomé (Jo 20:24-29), que só acreditava vendo, Deus não exige de nós uma fé cega. Ele deixou evidências suficientes na natureza para acreditarmos em Sua existência e poder (Rm 1:20) (ver tópico 2).

Se a fé é só para os fracos, o que dizer de homens como Isaac Newton, Galileu Galilei, Nicolau Copérnico, Johannes Kepler, René Descartes e tantos outros? Eles acreditavam em Deus e na Bíblia, e nem por isso eram fracos ou ignorantes. Pelo contrário: os chamados “pais da ciência” conseguiam conciliar muito bem a pesquisa científica com suas convicções religiosas.

Para ser cristão, não é preciso deixar o cérebro criar teia de aranha. De acordo com a Bíblia, nosso culto deve ser “racional” (Rm 12:1). Além de tudo, a fé bíblica também estimula o raciocínio, uma vez que somos convidados a estudar a pessoa e as obras do Criador — o Ser mais complexo do Universo. Portanto, em vez de ser um “salto no escuro”, a fé é uma atitude em direção à luz.

A verdadeira fé, baseada no conhecimento correto sobre Deus, longe de ser muleta, é um escudo (Ef 6:16), que nos protege nos aspectos emocional, moral e espiritual.

## 10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado neste breve capítulo, pode-se concluir que a fé cristã não está suspensa num vácuo de tradições e crenças infundadas. Pelo contrário, ela se firma em alicerces sólidos e coerentes. Ainda que não se possa colocar Deus e a realidade suprassensível em um laboratório, e assim provar sua existência, há evidências convincentes que apontam para a sua concretude. De igual maneira, a Bíblia demonstra ser um livro confiável e de origem sobre-humana, com potencial de mudar de forma significativa a vida de seus leitores. Uma vez atestada a plausibilidade da existência de Deus e a veracidade das Escrituras, abre-se caminho para a aceitação dos milagres, bem como da natureza divino-humana de Jesus. Outros temas controversos como o extermínio dos povos cananeus, o real estado dos mortos e o conceito de inferno também ficam claros à luz da revelação bíblica. Por fim, foi visto que a fé não constitui sinal de fraqueza ou demérito intelectual, sendo antes um ingrediente crucial na aquisição do verdadeiro conhecimento.

Todos esses temas, dentre muitos outros, são elementos essenciais da doutrina bíblica e, como tais, se demonstram boas opções de pauta para a exposição e o diálogo em sala de aula no contexto do ensino confessional cristão. Em vista disso, a síntese desses temas ofertada neste capítulo pode ser útil a professores e alunos para introduzir o estudo mais aprofundado dos tópicos em questão.

## REFERÊNCIAS

BACCHIOCCHI, Samuele. **Crenças Populares: O Que as Pessoas Acreditam e o Que a Bíblia Realmente Diz**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

BORGES, Michelson. **A História da Vida: De Onde Viemos, Para Onde Vamos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

BORGES, Michelson. **Por Que Creio: Doze Pesquisadores Falam Sobre Ciência e Religião**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

CRAIG, William Lane. **Apologética Contemporânea: A Veracidade da Fé Cristã**. 2ª edição ampliada e atualizada. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CRAIG, William Lane. **Em Guarda: Defenda a Fé Cristã com Razão e Precisão**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

CRAIG, William Lane; GORRA, Joseph E. **A Razão da Nossa Fé: Respostas a Perguntas Difíceis Sobre Deus, o Cristianismo e a Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CULLMANN, Oscar. **Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos?** Artur Nogueira, SP: União Central Brasileira, 2002.

DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. **Fundamentos Inabaláveis: Respostas aos Maiores Questionamentos Contemporâneos Sobre a Fé Cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

HAM, Ken. **Criacionismo: Verdade ou Mito? Respostas Para 27 Questões Sobre Criação, Evolução e Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. **Manual de Defesa da Fé: Apologética Cristã — 100 Respostas Para Questões Cruciais**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

MCDOWELL, Josh. **Novas Evidências que Demandam um Veredito — Evidência I e II**. São Paulo: Hagnos, 2013.

MUNCASTER, Ralff. **Examine as Evidências**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

PECKHAM, J. C. **Teodiceia do Amor: O Conflito Cósmico e o Problema do Mal**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022.

RASI, Humberto M.; VYHMEISTER, Nancy (org.). **A Lógica da Fé: Respostas Inteligentes Para Perguntas Difíceis Sobre Nossas Crenças**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SHEPHERD, Tom. La parábola del rico y Lázaro ¿enseña la inmortalidad del alma? *In*: PFANDL, Gerhard (ed.). **Interpretación de las Escrituras**: Preguntas y Respuestas Bíblicas. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2012. p. 295-298.

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a Verdade**: A Arqueologia e as Incríveis Histórias da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SILVA, Rodrigo P. **O Ceticismo da Fé**: Deus — Uma Dúvida, Uma Certeza, Uma Distorção. Barueri, SP: Ágape, 2018.

STROBEL, Lee. **Em Defesa da Fé**: Jornalista Ex-ateu Investiga as Mais Contudentes Objeções ao Cristianismo. São Paulo: Editora Vida, 2002.

STROBEL, Lee. **Em Defesa de Cristo**. Jornalista Ex-ateu investiga as Provas da Existência de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2001.